

Assédio: um “Bertolucci” romântico e refinado

Por Mauro Baptista

A história começa num país africano não identificado, ainda predominantemente rural, governado por uma ditadura militar. A primeira imagem do filme é uma vista aérea do mar e a costa do país, plano geral que faz pensar numa homenagem à aquele inaugural de *Terra em Transe*. O filme? *Assédio* (Besieged), uma obra prima de Bernardo Bertolucci, um grande entre os grandes.

Assédio conta o amor entre um pianista inglês solitário (Jason Kinsky) e uma jovem africana (Shandurai), que fugiu de seu país depois de que seu marido foi encarcerado pelo governo militar. Ambos se encontram na Itália, em Roma. Shandurai

mora e trabalha como empregada na casa de Kinsky, uma antiga propriedade que o pianista herdou de uma tia rica. À noite, Shandurai estuda medicina. A casa tem três andares: Shandurai mora num quarto no andar de baixo, Kinsky, no terceiro e amplo andar, rodeado de quadros, estátuas e tapetes antigos, cobertos de pó, cujo esplendor é coisa do passado. Uma longa escada em forma de caracol conecta os três andares da casa.

Kinsky toca o piano o dia todo e dá algumas aulas para crianças. Fala pouco e quando o faz, tem dificuldades. Kinsky observa Shandurai em silêncio. Tenta demonstrar seu interesse por ela com

pequenos gestos e presentes. Ela não entende esse excêntrico e solitário pianista nem sua arte – “eu não te entendo, eu não entendo sua música”, diz.

Com sua obsessão pela jovem africana, Kinsky cria uma situação que para os padrões paranóicos contemporâneos é um claro exemplo de “assédio sexual”, termo hoje em voga. O espectador, que tem sido bombardeado nos últimos 15 anos com centenas de filmes americanos em que a mulher é acoçada por um homem louco, cogita logicamente que em *Assédio*, o sexo novamente seja uma ameaça. No entanto, Bertolucci está interessado em dinamitar esta perspectiva típica do reacionarismo

A
S
S
é
d
i
o



A
S
S
é
d
i
o

dos anos 80 e 90 (um legado made in USA), que condena o sexo, estimula a repressão e a agressão à pessoa (o “outro”) que tenta uma aproximação. Felizmente, Bertolucci é italiano. E o cinema italiano, como o brasileiro e o espanhol, não tem nada que aprender com o cinema americano em termos de amor e sexo. Bertolucci é autor de, lembremos, *O Último Tango em Paris*, *A Lua*, *O Céu que nos Protege* (para citar somente filmes seus que lidam com o amor e o sexo). Portanto, o mestre peninsular escolhe narrar o interesse de Kinsky por Shandurai como uma história de amor total. E, o mais notável, faz com que nós, espectadores, assistamos ao filme do ponto de vista de Shandurai, a africana, tornando dessa forma Kinsky, o anglo-saxão branco, o “outro”, aquele estranho. Em 80 por cento do filme, assistimos a história partilhando o saber de Shandurai, sem ter acesso ao que pensa ou sente intimamente Kinsky.

Paradoxalmente, a música pop africana que ouve Shandurai nos parece muito mais próxima do que as melodias de Bach e Mozart que Kinsky toca, fruto da pasteurização da indústria cultural e da consequente perda da ligação com o passado cultural clássico. *Assédio* defende o valor e o direito à existência da música erudita européia. E defende também o direito de existir das raízes da música africana, lembremos senão o negro velho (interpretado pelo próprio músico J.C. Owang) que canta músicas afro viscerais. Forçando o paralelismo, seria um equivalente no Brasil a defender um Cartola, Dorival Caymmi ou um Chico Buarque frente ao excessivo sucesso da linha tropicalista pop.

Coerente com seu ponto de vista, o filme mostra Shandurai belíssima, de pele morena dourada, vestida de forma sensual e moderna. Em contrapartida, Kinsky é mostrado como um inglês estranho, vestido de forma antiga, de pele branca demais, desajeitado, taciturno, nada ou pouco atrativo para os padrões contemporâneos.

Em *Assédio*, imagens e música tomam um lugar protagônico e relegam os diálogos a uma função secundária. Kinsky não gosta de falar; prefere se expressar pela música e por ações. Quando é obrigado a manifestar sua paixão a Shandurai com palavras, Kinsky é pouco articulado, tímido, patético. Aqui devemos destacar a soberba e sutil interpretação de David Thewlis, que retira do pianista todo charme, sem importar-se com a empatia do espectador pelo personagem. A performance de Thewlis (quase tão soberba quanto a que exibiu em *Naked*, de Mike Leigh) não tem a unidade da boa performance do cinema clássico. Sua desarticulação consegue expressar (sem explicar) as nuances e mudanças de estados emocionais próprios não de um personagem apaixonado, mas de uma eventual pessoa Kinsky apaixonada, com a incoerências próprias de um ser humano. Na cena em que verbaliza seu amor a Shandurai, a declaração de Kinsky não tem nenhuma competência: ele é desconexo, indeciso, atrapalhado para pegar Shandurai, mal consegue falar. Bertolucci não procura conquistar a identificação nem a simpatia do espectador com Kinsky. Thewlis consegue mostrar todas as imprecisões e trapalhadas de um gesto sincero e desesperado de amor de uma pessoa solitária.

Como contar uma história de amor numa época caracterizada pelo avanço do materialismo em todas as esferas da atividade humana? Tempo em que as antigas religiões e morais estão sendo substituídas pela adoração ao dinheiro, hoje a única “religião” em ascensão. Como fazer esta história de amor sem que pareça inverossímil, ridícula, piegas, e que represente uma atitude vital face ao presente e à mediocridade. A solução foi buscar dois personagens que vivem quase a margem da sociedade, que não participam das atividades tipicamente associadas ao consumo e a ascensão social. Ambos trabalham com crianças, fazem coisas pelo outro (Shandurai era enfermeira, Kinsky é professor de piano). Ambos são pessoas solitárias, deslocados de seu país de origem, sem projetos arrivistas.

Kinsky toca o piano de cauda e caminha por Roma, uma bela síntese da cultura clássica de séculos. A Roma de *Assédio* representa um tipo de cidade e estilo de vida essencialmente continentais. Uma Roma que se assemelha mais a uma pequena cidade européia como Florença, Praga ou Pisa, do que ao grande centro urbano tão explorado pelo cinema italiano. Não há quase sinais de uma Roma contemporânea, como grandes avenidas, túneis e automóveis. Apenas o metrô, objeto da civilização tecnológica de conotação tipicamente européia, perfeitamente adaptado ao passado arquitetônico das cidades sem as desfigurar. Em lugar de carros e estradas, símbolos por excelência da cultura americana, vemos casas e ruas antigas, personagens que caminham e pegam metrô. Trata-se de uma cidade européia em que o passado e a cultura clássica convivem com aspectos de fins da

década de 90 presente como a chegada de imigrantes africanos. A tecnologia e a sociedade de consumo coexistem num segundo plano com a tradição cultural europeia: lembremos do pequeno aparelho de som de Shandurai, da minúscula televisão preto e branco que só surge depois que Kinsky vendeu seu piano de cauda, da entrada do metrô.

Kinsky diz que não se apresenta em público porque não é bom o suficiente (é o que diz ao padre). Essa não deve ser a razão, mas "provavelmente porque é vítima da mesma doença do ser que fez que vários grandes músicos do século (Horowitz, Franco Ferrara, Glenn Gould, Yehudi Menuhin) não tiveram uma carreira normal".¹ Problema existencial derivado talvez da falta de habilidade para lidar com a sensibilidade e o cotidiano, ou talvez derivado de um extremo perfeccionismo que leva a fugir da avaliação alheia. No caso de Kinsky, talvez haja também a consciência de que só renunciando ao exibicionismo e ao pragmatismo da vida normal, a todo o

supérfluo que rodeia e contamina a arte, o músico (o artista) pode se concentrar e pesquisar para obter uma sabedoria artística profunda. Não é casual que Kinsky comece tocando músicas de outros para terminar compondo uma peça (inspirado em Shandurai) que une a música ocidental e a africana.

Kinsky, pianista solitário que dá aulas para crianças, não toca em público e é compositor, é alegoria de uma Europa que tenta resistir ao atual processo de homogeneização social e cultural de um mundo sob o domínio americano (a mcdonaldização do planeta). Bertolucci faz uma sutil defesa da identidade europeia escolhendo como arma privilegiada a cultura clássica desse continente. Não se trata da afirmação desta cultura como superior, mas sim afirmar o valor de tudo o que ela significa em sua melhor expressão. Em *Assédio*, Bertolucci tenta resgatar não tanto o passado desta cultura, mas extrair o que acha é sua essência: o cultivo do espírito, a

investigação, o romantismo, o apego à arte e às pessoas, a rejeição do materialismo. Todos traços definidores da geração de Bertolucci, jovem de 20 anos na década de 60 anos que estão se perdendo progressivamente na Europa consumista dos últimos vinte anos. Essência dessa cultura europeia que deve ser resgatada e continuada pelas novas gerações, mesmo que esta seja uma empresa árdua – lembrar a criança pianista.

Kinsky, artista radical e solitário, busca a arte e um senso de beleza como forma de elevação espiritual. Bertolucci expressa isso através de seu refinado senso estético para as imagens e a música. Cineasta tipicamente italiano e aristocrata naquilo que é uma forte obsessão e característica da Itália do norte: o cultivo da Estética, a busca de aprofundar o senso estético como melhor forma de cultivar o espírito. Há coisas que as palavras não podem expressar senão com muita dificuldade. Uma delas é dar conta da perfeição e beleza do enquadramento e montagem de Bertolucci. Como ele faz para colocar sempre a câmera num lugar perfeito?

Assédio é o reencontro de Bertolucci com as melhores virtudes de seus filmes dos anos 60 e 70. É também a incorporação sutil na sua obra de referências cinematográficas contemporâneas como Von Trier e Vinterberg (a câmera nervosa, os cortes) e Wong Kar Wai (ralentização de imagens, luz e cores). *Assédio* é um filme que demonstra uma grande maturidade de estilo. Há sabedoria, não simplesmente conhecimento acumulado. Há refinamento e um elevadíssimo senso estético, não cultura de catálogos. *Assédio* combina de forma admirável perfeição estilística, beleza e puro romantismo. Salve Bernardo.

¹ Assim escreve Aléssio Vlad na contracapa do cd do filme, edições Milan.

